

**PRÁTICAS HUMANITÁRIAS EM MEIO À PANDEMIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Luciana Clem

## Resumo

A pandemia da Covid-19, que vitima milhares de pessoas em todo o mundo, aflorou a individualidade e colocou em questionamento o senso de coletividade das pessoas. Em meio a produção de vacinas, surgem inúmeras indagações quanto a real eficácia da vacinação e em relação à todas as medidas de prevenção. No cerne de tudo isso está o negacionismo da doença, que consequentemente impacta na forma como a doença se desenvolve em meio ao coletivo humano. Há, portanto, um movimento contrário do que se espera em meio a uma pandemia – a prevenção, e também um movimento de conscientização e incentivo à todas as formas de prevenção, especialmente aqueles que buscam a amenização do sofrimento – os profissionais de saúde.

Muito dos profissionais da saúde que trabalham em hospitais atendem ou atenderam indivíduos que negavam ou desacreditavam da doença e de sua gravidade. O profissional da saúde no tratamento da Covid-19 está inserido num ambiente extremo, onde as emoções e situações são as piores possíveis. Nesse ambiente, as perdas e os lutos são vividos intensamente e frequentemente, situação acentuada ainda mais pela pandemia. Nesse sentido, quando rompe pelas portas do hospital um sujeito com diagnóstico de Covid-19, com um quadro agravado, e ainda desacreditando, diminuindo e negando a doença, o profissional sente-se questionado nas suas vivências.

Consequentemente, gera-se um conflito interno no profissional, que teve suas vivências questionadas, podendo assim suscitar sentimentos negativos em relação àquele indivíduo.

Isso interfere significativamente na forma com que esse paciente é atendido, independente do tratamento que necessitar. Mais uma vez, o profissional se coloca em questão, em sua atuação profissional, mas também não podendo deslegitimar seus sentimentos e emoções que afloram. Partindo deste contexto, questiona-se se realmente é possível haver humanização nos hospitais durante a pandemia da Covid-19.

Como exemplo, podemos citar a ausência de familiares ao lado do paciente internado por Covid-19. Com o distanciamento e isolamento social exigido para controle e prevenção das doenças, cabe ao profissional e à equipe ser uma ponte entre paciente e familiares, de modo que a forma como esse paciente sente o afastamento dos entes queridos seja amenizada, ou seja, sinta-se mais próximo desse afeto. Mas, para isso acontecer, infelizmente necessitou-se de um maior período de vivência da crise pandêmica, de modo que milhares de pessoas não desfrutaram dessa possibilidade.

Nesse sentido, visto o prolongamento da pandemia, as intervenções para à humanização no espaço hospitalar ganharam espaço. Utilizando-se de recursos tecnológicos – videochamadas, áudios, ligações por voz, fotos e vídeos- e também por atitudes mais simples, como a entrega de terços, dentre outros objetos pessoais, o apego à espiritualidade dos familiares, até a compra de materiais – escassos- para higiene dos pacientes. Os esforços conjuntos das instituições e pessoas que possibilitaram melhores condições de vida para àqueles hospitalizados.

Da mesma forma, ao falarmos de humanização, não é possível excluirmos da equação os profissionais de saúde atuantes na pandemia. Como lembrado anteriormente no texto, o profissional de saúde se viu com muitos questionamentos frente ao que vivenciava. E foram eles também, que mais sentiram a falta de cuidado voltados a eles.

Além das horas de trabalho extenuantes, enfrentaram condições insalubres, baixa recompensa salarial, falta de equipamentos e mantimentos, além do

preconceito, isolamento social e familiar, bem como às perdas de pacientes e todas as questões psicológicas envolvidas. Durante esse tempo, muitos profissionais se viram solitários em meio ao caos, mal podiam viver e sentir a experiência, o que poderia e ainda pode ocasionar algum tipo de sofrimento psicológico.

A humanização no âmbito hospitalar, oficializada pela política pública HumanizaSus em 2004, têm em seus princípios e diretrizes, ideias totalmente opostas em relação às condições necessárias para o controle e manejo da Covid-19. Para tanto, buscou-se e ainda se procura formas de amenizar o sofrimento e de proporcionar qualidade de vida às pessoas hospitalizadas e infectadas pelo vírus. No entanto, é fundamental não nos cegarmos em relação à saúde dos profissionais, afinal também são pessoas, passíveis de sofrer as consequências do vírus e ainda mais por estarem na linha de frente do combate à pandemia.

#### REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização: Formação e intervenção. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 242 p.

lucianaclem@outlook.com.br